

## 5

### **Avaliação das Propostas**

Nas seções anteriores, apresentamos uma síntese das visões do fenômeno composição de palavras considerado sob o ângulo de três correntes e de seus autores: Os gramáticos tradicionais e os contemporâneos, que geralmente tomam os primeiros como referência e são autores das gramáticas escolares; os lingüistas filiados ao Estruturalismo; os lingüistas pós-estruturalistas.

O confronto entre estes autores revelou, evidentemente, pontos de convergência e de divergência. Nesta seção, pretende-se comparar as propostas dos autores pesquisados e verificar o que há de consenso entre os estudiosos que se dedicaram a definir os contornos de um nome composto. As idéias destes autores, especialmente nos aspectos em que as visões de um lingüista confirmam e aprofundam as de outro, podem vir a ser bases de apoio para professores de língua materna, na tarefa de resolver as dúvidas que estudantes de Ensino Médio costumam manifestar nas aulas de gramática. Estas dificuldades remetem, basicamente, à questão central em torno da qual se fez esta pesquisa: a identidade do composto. Os pontos que, mesmo para os especialistas, continuam sendo de indefinição continuarão sendo um problema para os professores.

#### **5.1**

##### **As propostas das Gramáticas**

Dentre as Gramáticas pesquisadas, algumas se limitam a abordar o processo de composição de modo sumário, ficando a ênfase maior por conta das listas de radicais gregos e latinos que figuram com freqüência em palavras científicas do português. Após a definição do processo, são descritos os tipos de composição (justaposição e aglutinação) e as regras de flexão de substantivos e adjetivos compostos. Cunha (1975: 122) avança um pouco mais que outros autores e mostra a relação entre determinado e determinante na construção de nomes compostos. Quanto à indefinição sobre o uso de hífen, todos os autores apontam o problema e alertam quanto ao fato de este sinal não ser a marca

identificadora da composição, embora não se sugiram normas para padronizar essas grafias. Em suma, os livros pedagógicos não se aprofundam o suficiente no tema composição, talvez por falta de respaldo de outros autores. Assim, suas lições deixam algumas interrogações, como já se discutiu neste trabalho.

Nas Gramáticas dos autores tradicionais, naturalmente, encontram-se visões que conflitam com as dos lingüistas, seja porque a abordagem dos fatos lingüísticos dos pesquisadores contemporâneos siga métodos diferentes, seja porque o idioma, em seu processo natural e inevitável de evolução, absorveu influências e tornou mais produtivos alguns modelos de formação de novas palavras que, em outro momento da história da língua, não o foram. Estão nesse caso, por exemplo, os substantivos compostos formados pela união de dois substantivos, como *couve-flor*, *papel-moeda*, etc. O professor Said Ali, em sua Gramática Histórica (1964: 260), obra organizada por ele em 1923 e editada em 1931, afirmava ser este um modelo de pouca produtividade em português. Transcrevemos suas palavras:

A língua portuguesa não revela muita facilidade em formar por si palavras novas juntando um substantivo a outro, exceto para as denominações de animais e plantas. Vários dos termos assim constituídos que andam disseminados pelo nosso léxico não têm valor para a análise, por serem traduções ou aportuguesamentos de expressões que tiveram seu berço fora de Portugal. *Couve-flor* e *beterraba* transplantaram-se do francês *chou-fleur*, italiano *cavioli-fiori* e francês *beterrave* (...) As próprias *mãe-pátria*, *língua-mãe*, *astro-rei*, que tanto nos agradam, não brotaram espontaneamente em solo lusitano; antes dos portugueses já os franceses diziam *mère-patrie*, *langue-mère*, *astre-roi*, etc. (...) As combinações *mestre-sala*, *mestre-escola*, estão em lugar de *mestre-de-sala*, *mestre-de-escola*. (...) Nas denominações de animais e objetos o segundo termo tem geralmente função descritiva e indica semelhança ou alguma relação remota que o animal ou o objeto ou uma de suas partes tem com outro ser: *peixe-espada*, *peixe-agulha*, *peixe-boi*, *urubu-rei*, *tamanduá-bandeira*, *porco-espinho*, *pombo-leque*, *manga-espada*, etc.

A visão do professor, no entanto, não reflete o panorama real do léxico português. Numa leitura de duas edições do jornal O GLOBO (de 30/01/05 e 03/02/05) foram encontrados mais compostos do tipo S+S do que os de qualquer outro tipo. Num rápido levantamento, em jornais e revistas, encontraram-se *samba-enredo*, *cadeira-secretária*, *poltrona-diretor*, *armário-estante*, *sócio-*

*diretor, Empresa-Escola, ano-calendário, hora-consultor, diretor-presidente, apresentadora-celebridade, Climatempo, diretor-técnico, secretário-executivo, Lotomania, coronel-aviador, cidade-estado, Rio-Capital e decreto-lei*, todos formados pela união de dois substantivos.

Os compostos formados pela união de dois substantivos constituem, segundo Basílio (2004: 90-92), um dos casos em que o substantivo desempenha a função de qualificar outro substantivo. Nestas formações, segundo a autora, substantivos são freqüentemente combinados com outros, para fins de especificação. Assim, pode haver especificação de função, como ocorre, dentre os exemplos acima listados, em *sócio-diretor, coronel-aviador*; especificação de modalidade, como em *Empresa-Escola e decreto-lei*. E pode haver designação de objeto com dupla função, como é o caso de *cidade-estado*. Do corpus do presente trabalho, constam vários exemplos de nomes compostos formados pela união de dois substantivos, que são: *Estado-chave, salário-educação, Bolsa Família, programa-família, bolsa-auxílio, arquiteto-paisagista, hotéis-fazenda, risco-Brasil, carro-bomba, moda-carnaval, moda-praia, gerente-executivo, engenheiro-chefe, Cardeal-arcebispo, células-tronco, blusa-convite, camisetas-convite, cidade-carnaval e projeto-piloto*.

Neste ponto, a visão de Basílio não se harmoniza com a de Sandmann. Este, ao estabelecer critérios distintivos entre compostos e grupos sintáticos, afirma ser o sintático o critério primordialmente distintivo dos compostos formados por S+S, uma vez que *essa seqüência não é própria da sintaxe* (1990: 15). Assim, por ser estranho à sintaxe, este tipo de composto seria facilmente identificável como um composto morfológico. Em seu trabalho de 2004 (p.88-92), já citado nesta dissertação, Basílio mostra que o substantivo pode, em alguns casos, modificar outro substantivo, e que sintagmas desse tipo aparecem com certa freqüência no idioma. Dentre vários outros exemplos, ela cita *fator miséria, elemento surpresa e setor educação*. Estes, embora não sejam nomes compostos, exemplificam sintagmas em que o segundo substantivo determina o primeiro. Portanto, de acordo com as análises de Basílio, não se pode dizer que essa seqüência – a de dois substantivos – seja estranha à sintaxe.

Assim, o que de fato se pode observar é que a língua portuguesa não só tem facilidade de formar compostos juntando um substantivo a outro, como esse tem

sido, modernamente, um processo produtivo de expansão lexical, como demonstra Basílio e como atestam os 19 exemplos do corpus desta dissertação, que reúne apenas 93 palavras, muitas das quais de formação recente.

A clara preocupação do professor Said Ali sobre a não-legitimidade de compostos “traduzidos” de outras línguas é endossada por Cunha (1975: 124). O tratamento discriminado quanto a esses compostos revela um enfoque ausente da visão dos lingüistas, cuja atitude diante das mudanças lingüísticas é de observação objetiva e isenta de julgamento. Em seus estudos, as influências estrangeiras são percebidas como um fenômeno comum e esperado, inerente ao processo da evolução lingüística, ao intercâmbio entre povos e culturas e ao prestígio de que gozam certas nações e idiomas em determinados períodos históricos.

A abordagem de Bechara menciona as **lexias complexas** (ou sinapsias) e lista as características que as diferenciariam dos compostos; e, segundo o perfil das sinapsias assim traçado, todas as formações do tipo *olho-de-sogra* ou *pau-de-arara*, devido à presença da preposição entre os componentes, não seriam nomes compostos, e sim lexias complexas, que são formações resultantes de um mecanismo sintático, e não morfológico. Já vimos, a esse respeito, que, segundo o próprio autor, em alguns nomes compostos do português, houve casos em que a preposição desapareceu como resultado de evolução fonética. Veja-se o caso de *ponta(de)pé*, *porco-(de)-espinho*, *beira-(do)-mar*, etc., citados por ele (1999: 356). Tomando como base este aspecto, que constitui uma abordagem diacrônica dos fatos, talvez não se deva levar em consideração a presença da preposição na estrutura de certos nomes compostos, e sim outros traços, como a fusão semântica de dois radicais em uma idéia única e os outros critérios definidores, como os reconhecidos por Basílio e Sandmann, expostos nesta pesquisa. Seria impossível estabelecermos a partir de que momento uma “lexia complexa”, como *ponta-(de)-pé* passou a ser um nome composto, por ter perdido a preposição, pois que nossa pesquisa se debruça sobre o léxico em seu panorama atual. Os falantes, quando interrogados acerca de suas intuições sobre o que sejam nomes compostos, costumam responder com exemplos, dentre os quais costumam estar vários do tipo *cara-de-pau*, *pau-d’água*, *chefe-de-família*, nos quais a forte fusão semântica entre os elementos solidifica a noção de que se está diante de uma palavra, de uma unidade com significado próprio.

Contudo, ao discorrer sobre as distinções entre compostos e sinapsias (ou lexias complexas) ele conclui por afirmar que alguns dos traços das sinapsias também caracterizam a composição. E, assim, embora a abordagem tenha sido mais abrangente, o perfil de um nome composto continua indefinido e difuso.

Em outro ponto do capítulo, a análise do professor entra em conflito com a de Basilio e a de Sandmann quanto às formações constituídas por dois substantivos. Ao estudar estas formações, Bechara distingue dois tipos: aqueles em que há “coordenação” entre os elementos e os em que há “subordinação” (1999: 355). Dentre os unidos por **coordenação**, o professor distingue aqueles em que “o determinante precede (o determinado)” daqueles em que “o determinante vem depois (do determinado)”. Os primeiros são exemplificados por *mãe-pátria* e *papel-moeda* e os segundos por *peixe-espada*, *carro-dormitório* e *couve-flor*. No entanto, revela-se aqui uma confusão de conceitos. Estes nomes, se apresentam em sua estrutura dois substantivos, dentre os quais um é elemento determinado e o outro determinante, é porque estabelecem entre eles uma relação binária, na qual um deles é o núcleo da composição e o outro o especifica, de acordo com Basilio (2003, 2004). Assim, os elementos *pátria*, *moeda*, *peixe*, *carro* e *couve* são os elementos nucleares dos nomes compostos de que fazem parte; a eles se subordinam, respectivamente, *mãe*, *papel*, *espada*, *dormitório* e *flor*, que cumprem o papel de modificá-los. Logo, há entre eles uma relação de **subordinação**, e não de **coordenação**. A relação de coordenação existe somente entre os elementos dos **compostos copulativos**, que, como ensina Sandmann, são aqueles que reúnem em si dois rótulos em igualdade de condições, de modo que nenhum determina o outro, porque os componentes estão em relação paratática, como, por exemplo, *cantor-compositor*, *copa-cozinha*, etc. Portanto, todos os exemplos dados pelo professor Bechara apresentam, na verdade, uma relação de subordinação entre os elementos formadores.

De um modo geral, as gramáticas pecam por abordar os nomes compostos de modo superficial e por supervalorizar as listas de radicais gregos e latinos enquanto subvalorizam o processo da composição em si mesmo e seu potencial como fator de expansão do idioma.

## 5.2

### O Estruturalismo e o Impasse sobre a Noção de Composto

As propostas estruturalistas, como se viu, não foram contribuição suficiente para a definição de um composto enquanto palavra. A definição de Câmara Júnior de que uma palavra é “a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres” excluiria do grupo das palavras da língua muitos nomes compostos, pois, se há os compostos de bases presas, como *psicologia*, não-divisíveis em formas livres, há muitos outros, como, por exemplo, *guarda-roupa*, *chá-de-panela*, em que a divisão é possível. Também não se pode, com segurança, negar a tais combinações o status de palavra, já que qualquer falante percebe estas seqüências como portadoras de um significado próprio e único, que transcende a soma dos significados de seus componentes. Tome-se o caso de *chá-de-panela*. Qualquer falante apreende a soma dos elementos como um todo e o relaciona à despedida de solteira, em que as moças fazem uma pequena festa-lanche, na qual presenteiam uma amiga, que esteja prestes a se casar, com utensílios baratos de cozinha, diferentes dos presentes de casamento, que serão objetos mais refinados e caros. O evento social denominado *chá-de-panela* não é o mesmo que a refeição que se costuma chamar de *chá*, pois, nos chás-de-panela, as pessoas convidadas não se sentam à mesa para tomar chá. Normalmente, nestas reuniões, servem-se refrigerantes. A expressão também não tem relação direta com panelas: a noiva não recebe panelas como presente, pois o espírito da festa é completar seu enxoval com miudezas indispensáveis, como colheres de pau, peneiras, etc. Contrariando, portanto, a conceituação estruturalista, tem-se em *chá-de-panela* uma palavra que pode ser dividida em duas formas livres (*chá* e *panela*) e uma forma dependente (a preposição *de*).

Assim, no tocante ao estudo do processo de composição, os pressupostos estruturalistas não fornecem as bases para que um estudioso de morfologia possa traçar, com coerência, o perfil de uma palavra composta.

### 5.3

#### As Contribuições dos Pós-estruturalistas

As contribuições dos lingüistas pós-estruturalistas que serviram de fonte para a produção desta pesquisa iluminaram alguns pontos obscuros sobre o tema composição de palavras e preencheram algumas lacunas deixadas pela Gramática ao definirem, segundo critérios mais objetivos, a identidade de alguns tipos de nomes compostos. Nas pesquisas de Basilio e nas de Sandmann, são apresentadas algumas estratégias de diferenciação entre composto e não-composto que, sob a forma de testes a que se podem submeter certos grupos de palavras, vêm a ser um instrumento que, somado às informações das Gramáticas pedagógicas, podem tornar mais substanciais e producentes as aulas sobre formação de palavras. Além disso, as análises sobre as diferentes estruturas dos nomes formados, suas funções de nomeação de eventos, agentes e coisas do mundo a nossa volta e a presença da metáfora e da metonímia no processo formador de algumas palavras compostas concorrem para que o estudo deste tópico deixe de ser uma aprendizagem mecânica e se torne um exercício de reflexão sobre o fenômeno lingüístico e sobre como se constrói o léxico.

Os trabalhos de Basilio e de Sandmann apresentam pontos em comum. Ambos sugerem critérios de distinção entre nomes compostos e grupos vocabulares comuns, que propõem a análise destes produtos sob os aspectos fonológico, semântico morfológico e sintático, a fim de que se possa fundamentar objetivamente sua classificação como um nome composto ou como simples grupo sintático. Eis um caminho que, até então, nem os gramáticos nem os lingüistas estruturalistas haviam trilhado e que pode nos auxiliar diante de dúvidas que nem os livros escolares nem os dicionários ajudam a resolver. Tome-se, por exemplo, a expressão *amor livre*, objeto de dúvida exposta por um aluno de Ensino Médio durante a aula de português. Trata-se de um composto? No **Aurélio**, a expressão está incluída no verbete **amor** e foi grafada sem hífen. Para responder e fundamentar a resposta, o professor pode submeter a expressão a investigações sob os quatro critérios, como fez Basilio em relação a *óculos escuros*.

Do **ponto de vista semântico**, vê-se claramente que se está diante de um composto lexical. Um falante de português sabe que *amor-livre* é o rótulo dado à revolucionária quebra de tabus sexuais dos jovens dos anos sessenta: a ousadia de

viver plenamente o namoro, sem submissão a limites impostos pela família e pela religião. Em suma: amar espontaneamente, praticando sexo antes do casamento. Portanto, a expressão se refere a um modo de vida específico, a uma atitude política, a uma opção crucial. O significado da soma dos componentes é relativamente previsível, apesar do eufemismo (o uso da palavra *amor* em lugar de *sexo*). Resta investigar a expressão sob outros parâmetros, para que se possa afirmar que *amor-livre* constitui uma palavra composta, do ponto de vista morfológico.

Para confrontar as duas expressões do **ponto de vista fonológico**, considerem-se os exemplos (43) e (44):

(43) Defendiam o amor livre e desimpedido.

(44) Defendiam o amor-livre sem pudor e sem medo.

Pode-se dizer que, **do ponto de vista fonológico**, há traços que distinguem *amor livre* de *amor-livre* (A expressão será aqui grafada com hífen quando tomada como nome composto). Primeiramente, entre os dois enunciados, há diferença de ritmo na pronúncia da seqüência formada pelas palavras *amor* e *livre*. Em (44), a palavra *amor* perde seu acento tônico e se subordina ao acento tônico de *livre*; as duas palavras constituem o que Câmara Júnior demonstra ser um único vocábulo fonológico. Logo, trata-se de uma unidade, de uma palavra composta.

Do **ponto de vista morfológico**, poderíamos pluralizar o sintagma *amor livre*, mas não nos ocorreria fazer o mesmo com o composto *amor-livre*, uma vez que ele designa uma entidade única, não contável, que não se multiplica em várias espécies. Considerem-se, a esse respeito, a diferença de sentido entre *violência* e *violências*, que é análoga à diferença existente entre *amor livre* e *amores livres*. Em (45) e (46), as palavras *violência* (um nome abstrato) e *violências* (um nome concreto) figuram em contextos diversos, pois, no singular e no plural indicam coisas diferentes: Comparem-se as frases:

(45) O Governo do Rio tem de fazer algo para conter *a violência!* (= o fenômeno)

(46) *As violências* do dia-a-dia praticadas pelo poder público contra os idosos e aposentados são tão cruéis quanto as cometidas pelos bandidos. (= as medidas impiedosas que o governo determina)

Da mesma forma, o composto *amor-livre* seria semanticamente descaracterizado se lhe acrescentássemos a marca de plural. Se alguém dissesse “No Brasil, os casais das novas gerações também aderiram aos *amores livres*”, o sentido da mensagem comportaria outras interpretações. Poder-se-ia pensar, por exemplo, em amores sem compromisso, sem projeto de casamento. Portanto, do ponto de vista morfológico, o grupo de palavras *amor-livre* também pode ser considerado como um composto.

Resta-nos examiná-lo do **ponto de vista sintático**. Ao fazê-lo, seguindo os critérios de Basilio, percebe-se a impossibilidade de coordenação de elementos em *amor-livre*, diferentemente do que ocorre em relação ao sintagma *amor livre*. Observem-se os exemplos (47) e (48):

(47) Sonhavam com o amor livre e fantasioso dos filmes e das novelas.

(48) A idéia de amor-livre (\*e profano) ainda escandaliza os pais conservadores.

Também não é possível, quanto ao composto, a inserção de elementos no interior da palavra, como se observa em (49) e (50):

(49) Nas comunidades hippies praticava-se o \*amor-(bem)livre.

(50) Ele e ela vivem um amor bem livre, que inclui até o adultério consentido.

Assim, após a análise, pode-se dizer que *amor-livre*, a despeito de não aparecer na mídia com os componentes hifenizados, tem todas as características de nome composto: além de ser um composto do ponto de vista lexical, a expressão também se comporta como um nome composto quando analisada sob outros critérios, o que nos autoriza a afirmar que se trata de um composto morfológico.

Segundo Sandmann, quanto mais fatores de isolamento se podem identificar numa palavra composta, mais fácil será diferenciá-la. Não se deve esperar, porém, que todos os tipos de isolamento se apresentem numa combinação de elementos, para classificá-la como um nome composto. Há casos, como *pontapé*, em que, por haver isolamento morfológico, fonológico, sintático e semântico, a identificação é mais nítida. Há outros em que só o isolamento semântico pode caracterizar um composto, como é, segundo o autor, o caso de *copo-de-leite*. Considerar, como Sandmann, que um composto se diferencia de uma expressão paralela por apresentar, em comparação a esta, algum tipo de **isolamento** é um critério que, se não se aplica a todas as situações, resolve alguns casos de indefinição.

Embora nem sempre seja simples chegarmos a uma conclusão segura quanto à questão, porque alguns tipos de combinatórias são mais difíceis de distinguir das expressões paralelas, os critérios estabelecidos por Basilio e por Sandmann são muito esclarecedores, quando aplicados a vários compostos/não-compostos.

Dentre as categorias de compostos identificadas por Sandmann, é muito pertinente, para quem pretenda estudar/ensinar este tipo de processo de criação de palavras, o reconhecimento de que há compostos **copulativos** e **determinativos**. Em aulas de português para jovens, são importantes todos os enfoques da língua que instiguem e apurem a capacidade de leitura, de percepção dos significados que estão além da superfície dos textos e das palavras. E, embora a língua tenha produzido um número pequeno de compostos copulativos, é importante, diante de palavras desse tipo, que fique claro para os usuários do idioma que, nestes produtos, não há hierarquia entre os componentes. Em uma palavra como, por exemplo, *público-privadas* (“...as parcerias *público-privadas*...”), o entendimento de que este é um composto copulativo contribui para que o significado de uma notícia de jornal seja corretamente compreendido.

Do corpus desta dissertação, constam poucos compostos copulativos, todos adjetivos, que são: *eletroeletrônicas* (alterações), *anglo-saxão* (mundo), *político-diplomática* (façanha), *político-legislativo* (campo), e *alvinegro*.

Os determinativos aparecem em maior número e desse tipo são quase todos os que compõem o corpus (*primeiro-ministro*, *blusa-convite*,

*etnomusicólogo*, etc.). Nestes últimos, os compostos determinativos, há uma relação de subordinação entre os componentes, pois um deles determina o outro. Assim, o elemento *primeiro* determina o núcleo *ministro*; *blusa-convite* é um tipo de blusa que funciona como um convite e permite a quem a estiver vestindo a entrada em determinado evento festivo.

Esta relação não se observa na estrutura dos compostos copulativos, pois não há hierarquia entre os elementos formadores. Se tomarmos como exemplo a expressão “*mundo anglo-saxão*” ou “*alterações eletroeletrônicas*”, veremos aí a equivalência de função entre os elementos *anglo* e *saxão*, pois o mundo referido é tanto inglês quanto germânico; do mesmo modo, as alterações são tanto de natureza *elétrica* quanto *eletrônica*.

O estudo dos nomes compostos do tipo **vernáculo** e **não-vernáculo** também constitui uma abordagem interessante e útil em currículos de Ensino Médio porque, além de aprofundar o conhecimento da composição em si, leva o aluno à observação mais atenta de aspectos da sintaxe de colocação que são importantes para quem visa conhecer a língua materna.

A contagem de compostos do tipo não-vernáculo no corpus desta dissertação, como já se mencionou, mostrou que a quarta parte das amostras recolhidas em jornais se constitui de compostos não-vernáculos, alguns de criação recente, como *baixo-bebê*. Entretanto, o tipo predominante é o de estrutura vernácula, como *menino-de-rua*, *Linha Vermelha*, etc.

O surgimento, nos dias atuais, de compostos não-vernáculos talvez possa ser explicado como uma influência da língua inglesa no âmbito da sintaxe portuguesa. Em inglês, diferentemente do que ocorre em português, a colocação do determinante antecede a do determinado: diz-se, em inglês, *green tree* e nunca *\*tree green*. Já em português, a ocorrência de uma seqüência como *verde árvore*, embora não seja impossível, também não é a habitual. Segundo Sandmann, que aplica aos compostos um padrão conhecido sobre a colocação de adjetivos em português, a seqüência A+S tem caráter mais subjetivo, conotativo, em relação à seqüência S+A, que é mais denotativa. E, de fato, a seqüência determinante + determinado, em português, por não ser a rotineira, gera maior tensão expressiva dentro da frase ou verso e, na maioria das vezes em que ocorre, provoca algum estranhamento no leitor, pois caracteriza a função poética da linguagem. No caso

da expressão *verde árvore*, a menção ao verdor da árvore antes mesmo da referência ao próprio ser (a árvore) confere literariedade ao texto. Mas esse estranhamento não ocorre diante de compostos não-vernáculos, seja porque grande parte deles envolve radicais gregos/latinos e remete ao campo das ciências, seja porque alguns já entraram para o nosso vocabulário traduzidos do inglês. Mas o nome do sanduíche de salsicha, ao ser batizado em português, embora tenha traduzido a expressão inglesa *hot dog*, manteve a sintaxe portuguesa em *cachorro quente*. O grupo de palavras configura claramente um nome composto e deveria, portanto, incluir o hífen em sua grafia.

A nomenclatura “não-vernáculos” ou “neo-clássicos”, se justifica pelo fato de estes produtos contrariarem a índole natural do português, que é a posição do determinante ao determinado.

#### 5.4

#### A Composição: Um Mecanismo Morfossintático

Há formações reconhecidas por todos os autores como nomes compostos, como, por exemplo, as seqüências de V+S, como *quebra-gelo*; mas há outras que não são consideradas como nomes compostos por alguns autores, que preferem classificá-las como locuções comuns. As combinações do tipo *pé-de-moleque*, *unha-de-fome* e outras que apresentam preposição entre os constituintes não são consideradas nomes compostos por Bechara e Monteiro. No entanto, estes produtos são estudados como nomes compostos por lingüistas como Basilio, Sandmann, e por todos os autores de gramáticas escolares. Estão também neste caso todas as combinações que recebem desinência de plural em todos os componentes ou só no primeiro. Nesse caso, *amor-perfeito*, *bomba-relógio*, *João-sem-braço* seriam locuções – “dois ou mais vocábulos com autonomia fonética e morfológica que apresentam unidade de significação” – segundo Monteiro (2002: 186).

Não se encontrará solução para esse impasse se não se tomar como ponto de partida que a composição de palavras, embora seja um fenômeno essencialmente morfológico, perpetua certos mecanismos característicos da sintaxe. Segundo citação de Benveniste já mencionada neste trabalho, “é o modelo

sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação”. Assim, nos compostos classificados por Sandmann como determinativos, vê-se a reprodução dos sintagmas comuns, em que há um núcleo, que é o elemento determinado, e um determinante. Em *amor-perfeito*, o adjetivo *perfeito* (o DT) especifica *amor* (o DM). Na forma *amores-perfeitos*, a presença do morfema de plural no determinante ocorre unicamente para fazê-lo concordar com o determinado. Ou seja, há, nesse processo, a presença da sintaxe, com suas relações e seus mecanismos; no caso, o mecanismo da concordância. E, provavelmente, na gênese de um composto, a concordância e a regência se impõem por ser a sintaxe um mecanismo onipresente no inconsciente dos falantes, mecanismo esse que estabelece organização e lógica entre as palavras que compõem todos os enunciados e que, por esse motivo, atua com tanta força. Reconhecer a composição como um processo morfossintático é fundamental se desejamos tornar este tópico mais claro e assimilável por estudantes. De fato, quando estudam as regras de flexão dos compostos, eles percebem que as normas que se aplicam a esses nomes não diferem das que funcionam para os sintagmas comuns.

Mas, sobretudo, o isolamento semântico parece ser o traço preponderante para que os falantes percebam uma seqüência de palavras como uma palavra composta. Assim, em *pó-de-arroz*, por exemplo, o distanciamento semântico - a união dos elementos *pó+arroz* para significar uma terceira coisa, o produto para maquiagem - é o traço que concorre efetivamente para que essa palavra seja identificada como um composto. Segundo citação de Sandmann, em um de seus trabalhos (1989: 134), de um pensamento de Bréal, “C’est le sens et non autre chose qui fait le composé...”

Do ponto de vista morfológico, contudo, a marca de plural entre os elementos da forma pluralizada *pós-de-arroz* excluiria essa formação do grupo dos nomes compostos e lhe daria a classificação de locução, apenas.

## 5.5

### O Léxico Mental

Um questionamento recorrente, feito por estudantes e por professores que lecionam outras matérias, é a clássica pergunta com que, diante de formações não-familiares, se desafiam os professores de língua: “Tal palavra existe?” Afinal, para o falante comum, uma palavra só “existe” se constar de algum dicionário, figurar em algum livro ou for legitimada por um professor de língua materna. Assim, no estudo desse capítulo da gramática, seria também de grande importância que, além de todos os aspectos já mencionados, as aulas levassem ao conhecimento dos estudantes o conceito de **léxico interno ou mental**. Se um dos papéis do professor de língua materna é aprofundar e ampliar a bagagem de conhecimentos que o aluno traz do mundo de fora, não se pode deixar de mostrar a ele como, segundo as palavras de Basílio, “o léxico corresponde não apenas às palavras que um falante conhece, mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas.” (2004: 10).

A pesquisa de palavras compostas para constituir o corpus desta dissertação apresentou dois exemplos interessantes de como as estruturas lexicais já existentes estabelecem, no léxico mental dos falantes, padrões dentro dos quais se vão criar novos itens.

O primeiro caso se enquadra na observação de Basílio a respeito dos produtos formados pela união do verbo (*porta-*) a um substantivo. Além das criações recentes já citadas, como *porta-trecos*, *porta-absorventes*, *portatalheres*, *porta-disquetes*, *porta-CDs*, em que se revela a regularidade e produtividade deste padrão, foi encontrada no JB a forma *porta-camisinha*, novidade distribuída como brinde aos clientes de uma loja carioca elegante. Nestas formações, de acordo com a autora, a regularidade e produtividade do modelo que une verbos como *guarda-*, *porta-* e *pára-* + *substantivo* é análoga à formação de derivados prefixais.

O outro exemplo que pode ser discutido é o surgimento, a partir do padrão instaurado pelo composto *Baixo Leblon*, de vários outros compostos desse tipo, tais como *Baixo Gávea*, *Baixo Méier*, *Baixo Gay*, *Baixo Bebê*, etc. Na seção *Cartas dos Leitores*, um leitor de O GLOBO, irritado com a ocupação abusiva da orla marítima da zona sul escreveu ao jornal: “O mais sério é que, abrindo tais

precedentes, como cercados de escolinhas de futebol, *baixo-bebê*, *baixo-vovô*, *baixo-aposentado*, *baixo-titia*, *baixo-mocréia...*” (7/02/2005)

Além de *baixo bebê*, já assimilado ao vocabulário da mídia, as outras formações do tipo *Baixo-X* são invenções do leitor, que exagerou para dar visibilidade a sua indignação. Mas, de qualquer forma, chama a atenção o fato de ele ter seguido o padrão morfológico que se instaurou a partir do momento em que o composto *Baixo Leblon* serviu de base para as formações que se seguiram, listadas acima. Em *Baixo Leblon*, o adjetivo *baixo* significa uma determinada região do bairro, em oposição a *Alto Leblon*. No entanto, como o *Baixo Leblon* se notabilizou por se tornar ponto de reunião de multidões de jovens e de boêmios, ao criar os compostos *Baixo-Gávea*, *Baixo Méier*, etc., o falante reanalisou o elemento *Baixo* como sendo *indicador de local de reunião de grupos de pessoas com perfil específico*, as “tribos”, na gíria dos jovens. E o modelo se impôs de tal forma, que não se operou, no caso de *Baixo Gávea*, o mecanismo de concordância entre o adjetivo e o substantivo feminino que nomeia o bairro, pois jamais se diz “*Baixa Gávea*”. Aparentemente, a falta de concordância entre os componentes *Baixo* e *Gávea* visa vincular a expressão *Baixo Gávea* ao modelo que a inspirou – *Baixo Leblon*. Pretende-se acentuar, com essa fidelidade formal ao protótipo, que se está levando em conta não determinado dado geográfico do local em si (a altitude), mas sim determinado aspecto do bairro, que é o fato de reunir jovens, boêmios e freqüentadores da noite. Em suma: nas formações do tipo *Baixo-X*, o componente *Baixo* assumiu um novo valor semântico. O mesmo se observa nas invenções do leitor *baixo titia* e *baixo mocréia* (mocréia = mulher feia)

Esses seriam dois estudos de interesse para os alunos, pois essas expressões – as do tipo *porta-X* e *Baixo-X* – freqüentam seu vocabulário cotidiano e têm inspirado, nos dias de hoje, novos produtos. Os dois casos ilustrariam muito bem, quanto ao processo da composição, como funciona o léxico interno do falante quando ele, tendo internalizado certos padrões, cria, dentro daqueles modelos, novos itens lexicais.

Além destes dois casos, há evidentemente, muitos outros, especialmente no campo da linguagem científica e tecnológica, que devem ser mostrados aos alunos para ilustrar a formação de nomes compostos como meio de expansão do idioma.

Em suma, avaliando-se as propostas de autores filiados às três correntes de estudos lingüísticos mencionadas no início deste capítulo, verificou-se a importância de, na pesquisa e ensino da formação de palavras por composição, se somarem, às noções tradicionalmente apresentadas pelos compêndios de gramática, as abordagens dos autores pós-estruturalistas, uma vez que seus conceitos e métodos de investigação concorreram para esclarecer algumas indefinições e ofereceram critérios mais claros para se definir a entidade **palavra composta**.